

# **VIAGENS INTROSPECTIVAS**

**Márcio Catunda**

*A explosão das coisas escritas  
contra a crosta da rotina.*

Antonio Carlos Secchin

*Mais avec tant d'oubli comment  
faire une rose,  
avec tant de départs comment  
faire un retour.*

Jules Supervielle

*Sainte napolitaine aux mains  
pleines de feux,  
Rose au coeur violet, fleur de sainte  
Gudule:  
As-tu trouvé ta croix dans le désert  
des cieux?*

Gérard de Nerval

## **SUMÁRIO**

### **Prefácio**

*Jornadas inquietantes* – por Linda  
Kogure

### **Viagens Introspectivas**

#### **Primeira Parte: Desassossego**

Serenata à liberdade  
Desagravo  
Lástima

A bandeira contrária  
Apostasia  
Júbilo transitório  
Percepções desestabilizadoras  
Tem um pouco de felicidade?  
Insônia  
Experiência cotidiana  
Mote limonada com mel  
Elegia pela ausência de Francisco  
Carvalho  
*Mea culpa*  
Chover sobre o molhado  
Momento contrito  
Estranho  
Andarilho  
Tropos  
Meditação existencial  
Acabou-se a festa  
Perguntas fundamentais  
Deambulação urbana  
Manifesto pós-platônico  
A respeito da despedida de Mário  
Gomes

## **Segunda Parte: Meditação e Natureza**

Janeiro redivivo

Hora benévola

Retiros

Perspectiva cosmoecológica

Encruzilhadas

Contemplador de andorinhas

Com o repouso na alma

Ócio

Ruas de idílio

Decálogo

Estância invernal

Calígrafo do agora

As plantas

Augúrios do tempo

A jornada do encanto

Luz

Trilha lunar

Haicais I

Haicais II

Ensimesmado

Jardim de luz  
Salmo  
Mantra  
Alquimia  
Compreensão do Sol  
Espelho encantatório  
Autodefinição  
Conjectura sobre a morte  
Shakti, a dançarina do jardim  
celestial  
Augúrios de primavera  
Alentadora recordação  
Impressões oníricas  
O Oásis de Bou-Saada  
Ezzahira (Balcon de Saint-Raphaël)  
Em busca do mar  
Perspectiva inusitada  
Concerto místico  
Contrição  
Fascinações em Ipanema  
Oração  
Mote de Manuel Bandeira  
Desígnios galantes  
Noturno para Copacabana

Inventário mágico  
Prelúdio vocal  
A engenharia lírica de Marcus  
Vinicius Quiroga  
Setembro afortunado  
Extasiado  
Votos fraternos a Ricardo Alfaya  
Um poema por dia  
Andarilho em Argel  
Poética  
No altar da natureza  
Os pássaros  
Viagens introspectivas

**O autor**

**Algumas opiniões**

## JORNADAS INQUIETANTES

*Linda Kogure\**

O diplomata, poeta, ensaísta e romancista brasileiro Márcio Catunda nos brinda com mais um lançamento: *Viagens Introspectivas*. Digo mais um porque, a cada ano, esse cearense de Fortaleza lança, em média, três publicações. Ao somar aqui e ali, o conjunto da obra gira em torno de 35 livros. Alguns desses, em línguas estrangeiras, como os três de poesia em espanhol: *Contemplaciones*, *Jardín de Ortigas* (antologia) e *El vuelo del pájaro ciego*. Porém, desta vez, os versos voltam a transbordar na língua-mãe (útero), em uma viagem *sem roteiro*, em deslocamentos aos labirintos interiores – mesmo quando escritos em meio ao ambiente urbano.

O poeta reitera inquietações existenciais e místicas em busca de algo mais. Talvez, do saber de uma essência vital: *Fujo das esquinas de trânsito estridente / em busca da virtude essencial* – conforme se lê no poema-título deste livro. Mais: *Levo nas mãos a escultura dos meus sonhos* – ou seja, fala da escultura-metáfora do artesão com a qual este lapida as palavras, dando-lhes formas, multicores, ritmos e versos rimados – obtidos em êxtase ou em outra percepção.

Sabe-se que um dos hábitos de Márcio Catunda é o de ter sempre em mãos bloco e caneta para registrar, digamos, o *instante-já*; aquele que, segundo Clarice Lispector, se não for capturado, passa. Óbvio que a pena de Catunda captura e o eterniza: *aproveito intensamente a eternidade do instante*. Ou, quem

sabe, papel e caneta para fisgar o *chamamento*, o de Guimarães Rosa, que se materializa *no segredo do instante* ou no indizível do poeta cearense: *Escrevo como quem tece o silêncio (...), / versos na pluma do vento*. Poemas em contemplação tão harmônica com a natureza, que esta se transforma em santuário: *No altar da natureza / desejo o bem-estar a todos os seres do mundo visível e invisível*.

Natureza que é situada em *três planos*, ainda no mesmo poema: *Sento-me em um banco da praça, diante dos três planos da natureza*. Que planos seriam esses? No vídeo *Poesia em tempos de crise*, de 2009, dirigido pelo poeta Flávio Sarlo, Catunda explica essa intrigante divisão em trinômio: o homem, a natureza e Deus. E complementa: *Minha religião é a da natureza, integrada com os reinos*

*vegetal e animal, através do ar que respiramos em harmonia com outros seres, que são a essência.*

Entende-se melhor essa *essência* ao longo das páginas deste livro. Cito apenas um exemplo. Em *Contemplador de andorinhas*, ao desfrutar do instante *de sons e cores (...), / minha verdade é uma utopia: / um celestial sentir metafísico.*

O poeta também é um viajante, sobretudo em função da sua carreira diplomática. Atualmente em Argel, viveu missões anteriores em Lima, Genebra, Sófia, Madri, entre outras localidades. Isso faz com que denote a condição de estrangeiro ao registrar local e data de alguns poemas deste livro, escritos em várias cidades como: Rio de Janeiro, Madri, Valência, Sevilha, Argel. Tanto o viajante quanto o estrangeiro estão de

passagem, são o fora do lugar. Desenraizados, apenas observam.

Alguns versos evidenciam esse aspecto ainda mais: *A realidade parece uma tela / onde se projetam sonhos*. Ou seja, o olhar é mediado por uma tela que poderia ser também uma lente, e é desse *entre* que os sonhos-poemas emergem. Em *Ruas de idílio*, outra evidência: *O estardalhaço de uma avenida / não me tira da suspensão. / Pertencer à expansão do dia; / ver o espelho da realidade*.

Ser estrangeiro é ser o estranho, o *outsider*, o *gauche*. Estranho e estrangeiro em relação aos outros, bem como a si próprio, a exemplo do instigante *Estranho*, em que o poeta rasga o verbo, suspende sua erudição, fazendo do chulo sua crítica ao sistema capitalista.

*Sou um estranho para mim mesmo.*

*Não estou satisfeito com coisa alguma,*

*nem ninguém.*

*Tampouco estou contente com os imbecis que governam o mundo:*

*que as guerras lhes entrem pelo rabo!*

*O dinheiro é a bandeira dos canalhas.*

*O capitalismo é uma merda que não me importa porra nenhuma...*

*Com o espírito turbado, / no palácio livre do presente, isto é, à margem do presente – das guerras e do capitalismo selvagem –, o poema se encerra, iluminando outra vertente caríssima ao poeta, conforme já citado: a face mística.*

*Estou à margem do festim,  
sorvendo licores  
que acendem a balsâmica  
chama mística.*

A metapoesia também é outra temática recorrente. Em *Poética I*, Catunda traz à tona conceitos e problematiza sobre o ato de criar seus versos, que ecoam amalgamados ao sagrado da natureza:

*A poesia supõe a  
contemplação integral da paisagem.  
A individualidade no epicentro  
das referências:  
aves, árvores, cores e sons  
se harmonizam na inspiração.  
Do silêncio propiciador,  
emergem os elfos invisíveis.*

Além de bordar a *tessitura do pensamento*, a poesia é um *túnel*

*que conduz / ao outro lado das percepções. Tão vital que é um modo de respirar. E o que ela faz? A poesia mostra o inexplicável. Quanto aos poemas, só nascem quando efetivamente estamos em atitude contemplativa, / de forma espontânea. Em Instância invernal, o autor assim se coloca: funcionário da palavra, / laboro, ao ar livre, no laboratório emocional-dinâmico, / dialogando com minha própria perplexidade. O texto evidencia ainda mais o já dito sobre o instante-já ou o chamamento, sempre tecido, primeiro, em manuscrito.*

No provocante *Manifesto pós-platônico* em que Platão é expulso da *república dos poetas*, registra-se: *Escrever poesia é o ato máximo do desapego. / O poeta defende a propriedade coletiva da estética. E encara a poesia como remédio diário (e não como veneno, a outra*

margem do platônico *pharmakon*). Em *Um poema por dia*, dedicado a Flávio Sarlo: *Um poema por dia, / tal um remédio contra a dúvida (...); / Um poema por dia, e a serenidade etérea (...); / Um poema por dia, / como quem submerge em redoma cósmica.*

Talvez uma das palavras-chave que sintetize *Viagens Introspectivas* possa ser *religare*. Mas não na atual concepção de *religião*, que a terminologia latina gerou, e sim no sentido etimológico: *tornar a ligar; atar ou ligar bem*. Tornar a ligar a quê? À essência da vida.

Deixo a cargo dos leitores o prazer de saborear esta inquietante jornada em que o poeta borda o pensamento em aliteraões, assonâncias, metáforas, metonímias e tantos ritmos de Márcio Catunda.

---

\*Linda Kogure, do Estado do Espírito Santo, é jornalista e doutora em estudos literários.

**Primeira Parte:**

**Desassossego**

## SERENATA À LIBERDADE

Ó perigosa deusa  
que me altera em labirintos de luz!  
É na tua noite lânguida  
que procedo contra a polícia e o  
manicômio.

Ó alegria de arte proibida,  
que contemplo nos dias  
autossuficientes!

Ó suave musa do Apocalipse,  
da Era de Aquário!

Elixir dos itinerantes,  
que os sacerdotes dogmáticos  
tentam banir do mundo.

Descanso na penumbra do teu  
canoro frenesi.

Raptas os meus sentidos com o teu  
antídoto

contra a hipnose repressora.

Força centrífuga,  
impulsionas o argonauta lírico  
à navegação mental

de viajar por minutos no ansiado  
frescor.

Plácida expectativa que sonho  
na solidão de desafiar o ritmo  
existencial.

Hino de amor no mar fictício da  
cidade!

Aceita o íntimo desvelo do meu  
canto,

Minha fuga estratégica,  
meu consolo temporário!

## DESAGRAVO

Neste mundo em que o objeto  
determina o sujeito,  
como redimir a humanidade  
de sua própria estupidez?  
Não pergunte a Nostradamus,  
nem aos fabricantes da mercadoria  
mortífera.

O que desvela os segredos das  
cloacas

é um mártir da liberdade.

O que grita: *Abaixo a prepotência!*

Este se faz profeta pós-moderno,  
contra a hipócrita ingerência  
na privacidade alheia.

Às ovelhas obedientes,  
reprime-se a aventura do viver em  
paz.

Há que desprezar os deuses  
da falsa numismática.

Grandessíssimos energúmenos,  
filhos da grande poluta é o que são!  
Há que dissuadir a manipulação,

a violência e a intimidação  
que nos impõem os canalhas  
opressores.

Não se castigue o fugitivo da injusta  
miséria!

O perseguido emerge, qual herói,  
com direito de exercer oposição.

## LÁSTIMA

Tenho pena do homem comum,  
órfão no deserto das almas,  
à mercê do obsessivo proativo,  
que não lhe dá trégua.

O proativo trucidaria colibris e  
borboletas,  
na falta de outra cretinice para  
fazer.

Tenho pena do homem de fé,  
contrito na praça dos mártires,  
vítima do diabo-licantropo  
(predador que sai do esquife,  
como num pesadelo,  
para perturbar o sossego do  
homem pastoril).

Coitado do piedoso  
(mais coitado dele  
do que do Álvaro de Campos,  
*com quem ninguém se importa*).  
O piedoso, condenado sem crime,  
sofre na prisão da injustiça.  
Apiedo-me também de mim,

defensor indefeso dos oprimidos.  
Só não me compadeço  
do empedernido malévolo,  
protagonista no enredo da  
mesquinharia.  
Aquele que se apega ao irrisório  
feudo,  
na expectativa de ser com ele  
enterrado,  
na hora solene, do dia fatal.

## **A BANDEIRA CONTRÁRIA**

Livro-me de dogmas  
no *overnight* da sarjeta.  
Há créditos para estimar-me o  
risco?  
Gasto o que é de graça  
e me aventuro, sem obrigações.  
Aduanas não são donas dos meus  
pés.  
Abandono a horda que me aborda  
a bordo.  
Desgarro-me das forças  
que me arrastam ao redil.

Dos agressivos fujo, desarmado,  
e desfraldo a bandeira contrária.  
A sociedade espalha gases letais.  
Tudo atenta contra o meu bem-  
estar,  
até os mosquitos.  
Mas eu me sinto tão sem limites,  
que imagino, sem ânsias,  
o voo infinito do tempo.

## **APOSTASIA**

Não me sacrifico no altar da  
competição.

Os instrumentos de lucro  
são a perdição dos competitivos.

Mantenho distância  
dos seus ardores ambiciosos  
(quanto mais longe melhor).

Só preciso me esconder deles  
(mas onde?).

Só preciso daquela solidão  
feita de não estar mal  
acompanhado.

Não me associo  
aos que controlam a vontade alheia  
para obter vantagens.

Prefiro monitorar os meus sentidos.

Aumentar o controle,  
mas só dos meus pensamentos.

Bastar-me a mim mesmo é já o  
suficiente.

Duvido da valia de qualquer  
produtividade

em que falte solidariedade.  
Não há como evitar o  
maniqueísmo:  
de um lado os que inspiram  
serenidade;  
de outro, os que impõem a  
inquietação fanática.  
Não me mato pelos outros  
nem por mim mesmo.

## JÚBILO TRANSITÓRIO

Que eu não seja visto  
pelos que se preocupam  
com interesses mesquinhos.  
Quem não aprecia uma tarde  
ociosa?

As horas avançam conjuradas.  
A vida é mais que o mecanismo do  
autômato.

É preciso extravasar a expectativa.  
Não estou com os que, bêbados,  
dormem nos jardins;  
nem com os usurários,  
que inventam diagramas  
disciplinares.

Estou com os que observam  
o próprio espanto,  
nos lugares de onde se vê o voo das  
nuvens.

Prefiro dar testemunho das palavras  
do mar.

## **PERCEPÇÕES DESESTABILIZADORAS**

Subir a escada do ludíbrico,  
entrar no covil (sem escapulário)  
e cruzar os lugares arruinados  
é como ter as ideias mumificadas.  
De resto, permanece em mim  
o delírio infeliz dos sobreviventes.  
Porém, ao menos no sono,  
vejo alguma imagem edificante.  
E, além do abismo náufrago,  
sobre a noite dos esgotos,  
os olhos se regeneram,  
num silêncio piedoso.  
Nele, o vento em revoada  
se deixa respirar.  
No fecundo sono,  
em que os mortos estão vivos,  
o horizonte dissipa  
a carga dolorosa das angústias,  
depois das repugnantes visões  
atormentadoras.

*Argel, 06/03/2014.*

## TEM UM POUCO DE FELICIDADE?

No mercado há de tudo:

uns compram tecidos; outros, pão.

– *J'ai voudrais bien acheter un peu de bonheur.*

Agucei a curiosidade do comerciante.

– *Qu'est-ce que c'est le bonheur?*

Indaga ele, um tanto confuso.

– *O sucedâneo da imortalidade,  
Coisa a que, de certo,  
não se tem acesso por nenhuma  
porta deste mundo.*

– Testifiquei, altamente desiludido.

Trata-se de um bem,  
cuja busca me rouba a paz.

Uma sede que nenhuma enxurrada  
sacia.

Uma espécie de mensagem  
que não transita pela fibra ótica.

Nem transístor nem antenas  
logram captar.

O mar, de súbito, aparece  
com o lastro das consolações  
visuais.

*Argel, Bairro Casbah, 08/03/2014.*

## INSÔNIA

Entre o sintoma psicossomático  
e a vontade de anular toda  
expectativa,  
meu pensamento fabrica enzimas  
digestivas,  
consciente de que a tranquilidade  
é um fenômeno fisiológico.  
Recebo as neuromensagens do  
repouso,  
mas durmo intermitentemente:  
sinto-me impregnado de  
mesquinhas  
preocupações mundanas.  
Imagens que, projetadas do  
passado,  
repercutem na tela do presente.  
Trazem o estrídulo de picuinhas  
maníacas,  
causado por personagens bufões,  
transformados em fantasmas  
assustadores.

*Argel, 11/03/2014.*

# EXPERIÊNCIA COTIDIANA

*A Ricardo Alfaya*

Acordo em sobressalto,  
visto a camisa de força  
e subo, resfolegando,  
a montanha do perfeccionismo  
inútil.

Absorvo resquícios do divino  
oxigênio  
que os hidrocarbonetos  
vilipendiam.

Energúmenas criaturas pululam,  
forjando fervores enfermiços.  
Mas o Sol também sobe comigo,  
impávido,  
rei de toda coisa semovente.

*Argel, 12/03/2014.*

## **MOTE LIMONADA COM MEL**

*(Sugerido por Jarbas Júnior)*

Despreza o falso afã do sacrifício.  
A forja da vaidade molda o fútil.  
A pressa te conduz ao precipício.  
Abdica da perspicácia inútil!  
O tempo dissolverá teu negócio,  
como faz com as ruínas ao léu...  
Enche tuas arcas de precioso ócio.  
A relva há de cobrir teu mausoléu.  
Como as aves que habitam o  
rochedo,  
abriga-te do opulento escarcéu,  
da vã inquietação que engendra o  
medo.  
Vê quanto a pretensão do  
*mandarim*  
é conversa vulgar de botequim:  
não vale uma limonada com mel.

*Argel, 29/03/2014.*

## **ELEGIA PELA AUSÊNCIA DE FRANCISCO CARVALHO**

Chuva fina e triste  
pela viagem transcendental do  
poeta.

É mais um espinho  
na minha coroa de martírio.  
O rouxinol canta de emoção  
porque Francisco disse adeus.  
Chove na cidade e no sertão  
pelo visionário,  
pelo profeta inimigo dos  
opressores,  
pelo campeão dos ritmos,  
pelo telúrico amador da palavra  
idílica.

Estou sempre em falta com os  
grandes amigos,  
e nunca espero que eles me faltem.  
Preciso me perdoar por essa  
debilidade.

A chuva é para mim como um  
pranto na alma.

Rezo para que a morte não seja  
uma derrota.

Porém, a saudade oculta  
já exerce os seus poderes  
angustiantes.

Taberneiros do mundo,  
afogai a mágoa de quem fica  
perplexo,  
sem entender o mistério!

## **MEA CULPA**

Confesso que sou dado ao ócio  
e tardo a compreender  
o estorvo que causei aos meus  
superiores.

Um personagem de um conto de  
Sartre  
matou-se de candura.

Os homens que se dizem  
inteligentes  
estão enfermos de estupidez.

Insisto na inutilidade  
dos meus passeios aleatórios.

Admito que me extraviar  
em âmbitos de excessiva lucidez.

Que desperdiço meu tempo,  
deixando-me ofuscar pelo  
crepúsculo.

Que prefiro a solidão livre,  
a alguns comparsas restritivos.

E que não troco  
um momento de meditação poética  
pela presunção de liderança

e de possuir conhecimento acima  
de meus semelhantes.

## CHOVER SOBRE O MOLHADO

Custa-me um excesso de sacrifício  
comparecer ao ato protocolar  
no clube das solicitações sociais.  
Vítimas da roda cotidiana,  
que gira dentro e fora das cabeças,  
as pessoas passam,  
indiferentes à minha desesperada  
perplexidade.

Vou forçado aos compromissos  
com os homens formais.  
Tolero, a duas penas,  
o seu jogo de aparências,  
essa desnecessária fantasia  
para a minha consciência díspar.  
Sinto-me diferente dos que ocultam  
a carência do afeto verdadeiro.  
Retardo o passo para não chegar  
ao lugar,  
porque sei que não há lugar aonde  
ir.  
Sofro em tal condição incômoda.

Com as sacras verbenas dos  
inocentes,  
lavo o rosto para disfarçar o tédio.

## **MOMENTO CONTRITO**

Selvagemmente solitário,  
junto aos ciprestes,  
ilumino-me do abismo  
onde as nuvens  
põem asas sobre o meu delírio.  
Entro na inquietude da  
impermanência.

## ESTRANHO

Sou um estranho para mim mesmo.  
Não estou satisfeito com coisa  
alguma,  
nem com ninguém.

Tampouco estou contente  
com os imbecis que governam o  
mundo:

que as guerras lhes entrem pelo  
*rabo!*

O dinheiro é a bandeira dos  
canalhas.

O capitalismo é uma *merda*  
que não me importa *porra nenhuma*.

Enquanto os bárbaros se matam,  
fartando-me do que me faça falta,  
atuo contra os santuários,  
convertidos em armazéns.

Tenho o espírito turbado,  
no palácio livre do presente  
(heterodoxias de minha própria  
incoerência).

Não sei quem sou,

quem fui,  
nem quem serei.  
Não estou satisfeito  
com os dogmas dos sacerdotes  
impostores,  
mitologias da difusa identidade  
humana.  
Estou à margem do festim,  
sorvendo licores  
que acendem a balsâmica chama  
mística.

## ANDARILHO

*A Edir Meirelles*

Caminho veloz e sem rumo  
para que o tédio não me  
acompanhe.

Uma sede de conhecer me  
desorienta.

Sigo, enfeitiçado de acelerada  
vibração mental. Procuo nas flores  
a quietude

que as almas humanas não podem  
desfrutar. Quando saberei, para  
sempre,

que sou água que discorre  
até o mar do presente?

O passado volta a ser agora,  
e o futuro é um temor lúdico.

Caminho aleatoriamente.

Aturdidamente,

busco a essência do instante  
frenético.

Deliro com a visão gloriosa do futuro.

Sei que só existe o átimo transitório.

## TROPOS

*A Sílvio Ribeiro de Castro*

Metonímia do silêncio  
no prazer de me expor ao ardor da  
luz.

Desfruto do vigor temporário  
da sinestesia de tudo.

A metáfora é um crisol de  
autoconhecimento,  
no pêndulo acelerado da cidade,  
onde assoma a sinédoque  
das dores do mundo.

Caminho abstrato  
em concreto paradoxo.

Só tu, anáfora lírica,  
encaminhas o verso  
à manhã dos hipérbatos luminosos.  
És a antítese do mendigo farsante  
e do burguês fanático  
na pantomima das ruas;  
ouro fluido e longevo nas  
catacreses do ar.

És alegoria da comédia da vida.  
Que antonomásia não transparece  
na ambiguidade explícita  
desse oximoro que é o cotidiano?

## MEDITAÇÃO EXISTENCIAL

*A Juçara Valverde*

O mundo é forma e nome.  
Todos os seres vivos deixarão de  
existir,  
mas essa imensa profundidade  
permanecerá.  
Para cada distância existe uma  
presença.  
Abandono-me a mim mesmo  
e vejo um só semblante  
nos abismos refletido.  
Pressinto uma alegria  
de constelados matizes.  
No jogo do vento,  
acelero meus passos.  
No número insondável,  
espero encontrar algum confirm  
de gozo litúrgico.  
Não quero pensar no temor do  
futuro.  
Busco alguma porta inaugural.

As ruas ensinam-me a fugacidade  
do dia.

## ACABOU-SE A FESTA

Já nada tenho a dizer  
a respeito da mariposa verde  
que me hipnotizou  
com seus revolteios cintilantes.  
*Acabou-se a festa de la noche de  
los ritmos,*  
que reverberavam de alegria.  
Agora, a Lua me acompanha  
pelas calçadas da madrugada  
tal um troféu de altiva derrota.

## PERGUNTAS FUNDAMENTAIS

Pergunto-me quem sou  
no claustro aleatório de mim  
mesmo.

Quem serei na sombra futura?  
Ontem, com meus amigos,  
transformei a noite num templo de  
Orfeu.

A luz mergulhava na profundidade.  
Do zênite ao nadir,  
a fosforescência incandescente  
impregnava de reflexos a claridade  
noturna.

A cidade me recebia, nas horas  
furtivas,  
às vésperas da viagem de  
despedida.

Haverá sempre a perspectiva de  
regresso?

Há sempre um novo sonho  
na velocidade do que passa?

Quem sou, na ânsia  
de perpetuar o êxtase do presente?

Até quando buscarei  
impetuosamente  
a alegria da calma?  
Até quando estarei dentro de um  
corpo,  
nesta ilusão de individualidade?  
Poderei prescindir da expectativa  
mental  
que me acelera as sensações?  
Quando nenhum pensamento  
será estranho ao momento?  
Quando, nesta vigilância visionária  
e no afã da inspiração, direi  
eternamente  
que a juventude é agora?  
Os que se deslocam velozmente,  
sobre o moinho das rodas,  
por que se precipitam por todos os  
lugares,  
se só existe um centro,  
na confluência elétrica de tudo?

## DEAMBULAÇÃO URBANA

A rua é uma galeria de  
perplexidades,  
quando vista pela perspectiva do  
agora.

Na arte de passear, em paz com as  
inquietações,  
preciso inventar um refrão de  
vitória.

A rua me perturba  
com seu desperdício estridente.  
Observo a vulnerabilidade  
assustadora dos transeuntes.

A cidade me seduz e me repugna.  
Minha solidão espreita os carros,  
que deslizam velozes em busca do  
tempo.

Fujo dos mórbidos estertores  
ruidosos.

Respiro atordoado entre paredes.  
Subo e desço ladeiras com o único  
prazer

de não ter outro compromisso,  
senão o de ser grato ao dono da  
noite.

Ao que se converte  
na minha consciência precária,  
para me comprazer  
com os momentos em que  
caminho.

Os focos de luz cintilam,  
na esquina da imperfeição.

A cidade fede a nicotina.

Ambulâncias e buzinas se  
desgovernam.

Os veículos deslizam, num fluxo  
medonho,  
enquanto busco refúgio  
no caos dos meus pensamentos.

Haverá o dia em que estarei  
serenamente íntegro?

O dia de servir a um Deus de  
renúncia

e de amorosa compreensão?

*Madri, 09/01/2014.*

# MANIFESTO PÓS-PLATÔNICO

*A Eduardo Rada*

Platão quer nos impor o modelo oficial.

Detrator da capacidade instrutiva dos poetas,

envia seus esbirros

para nossos campos marginais.

Portanto, o expulsamos hoje

de nossa república.

Passam os espias da burocracia platônica.

Os poetas somos, de bom grado,

andarilhos da perplexidade.

Deixamos que exista a lucidez do equilíbrio.

O manual de instruções localiza-se no hemisfério esquerdo do cérebro.

O antivírus está conectado com o lado direito.

A consciência é o fiel da balança.

A cidade do poeta é o horto do retiro.

Escrever poesia é o ato máximo do desapego.

O poeta defende a propriedade coletiva da estética.

Quem é o peregrino anônimo?

O que percebe a sensação através dos sentidos acendrados?

O que deixa que as musas roubem a beleza da paisagem?

O que contempla as formas aladas das nuvens

e as voluptuosas pernas das fomentadoras da libido?

O que ancora palavras nos portos da realidade?

O que, sem o falso magnetismo do ego,

escreve o axioma da supremacia fraterna?

O luar entra no poema e no crepúsculo.

A musa rivaliza com a lua

por uma hipnotizante visão de  
entrepernas  
e pela suavidade conceitual de suas  
coxas.

A bruma rosácea ameaça as  
cortinas da noite.

Que importa  
se difamadores nos apodam:  
*irracionais?*

Os astros representam o lugar do  
poeta  
no mundo global.

O poema, engendrado pela  
máquina do sentir,  
é a palavra a serviço da liberdade.

O essencial é a luminosidade da  
existência.

Quando a ebriedade beatífica revela  
o oculto,  
o poeta encontra a pérola do  
desconhecido.

Une energias que nos liberam,  
desde a primeira célula  
que se lançou no abismo,

para emergir do fosso do medo.  
O poeta toca o teclado alquímico da  
vida.

## **A RESPEITO DA DESPEDIDA DE MÁRIO GOMES**

Ouvi dizer que você partiu  
antes do dia primeiro.  
Onde estará você, poeta?  
Você, que se deitava no chão  
para ouvir o silêncio  
e ver as nuvens de alabastro.  
Quanto sentimos  
o turbado fulgor dos labirintos!  
Quanto viajamos na fonte dos  
minutos,  
sondando espantos flamejantes!  
Falaram que você desmaiou por  
dois dias  
e que, no hospital,  
se sentia um pássaro engaiolado.  
Você, que celebrava o frenesi da  
liberdade  
e experimentava o júbilo  
de um Deus da natureza!  
Como me confortarei  
diante do enxame das ondas

que discorrem na plataforma  
marinha?

Ainda ontem eu me esmerava  
na inebriante fantasia da  
contemplação.

Você me ensinou  
a conversar comigo mesmo,  
como fazem as crianças,  
quando não têm companhia.  
Agora, o cais de pedras  
e os barcos pousados no horizonte  
parecem informar  
que você já não virá à Praça.  
Não mais virá e não mais me  
contará  
as peripécias com que repugnava  
o mundo nefasto e contraditório.  
Você, que com finíssima  
essência líquida de safira,  
nutria os sentidos  
de perplexidade e ressonâncias.  
Que perpetuava os aéreos deleites  
ao paroxismo do êxtase infinito  
e da beleza impossível.

Como será Fortaleza  
sem o Poeta Dissoluto,  
que tanto se apaixonou  
pela aventura de viver?  
Como serei, sem o insensato,  
que me ensinou  
a extravagante ciência do ócio?  
Eu, que arrasto a sensibilidade  
como um fardo peregrino.  
Voltaremos a ver-nos noutro  
tempo,  
estonteados pela claridade azul?  
A morte não lhe deixou  
as alvíssaras do Ano-Novo  
e tornou meu dia melancólico.  
Agora, no estremecimento das  
palmeiras,  
diante da expansão do mar,  
a vida parece uma folha de papel  
que o vento, de repente,  
nos rouba das mãos.

*Argel, 03/01/2015.*



**Segunda Parte:**  
**Meditação e Natureza**

## JANEIRO REDIVIVO

A esperança, no ano que se inicia,  
vem da expectativa do  
maravilhoso?

Vem, ao menos, do otimismo  
reincidente

de não temer os desafios?

Talvez, da duvidosa determinação  
interior

com que se inaugura uma projeção  
de ideias

ou da iminência de uma nova aurora  
para desfrutar, impetuosamente,  
o dom da vida.

Quero, logo existo.

– Digo-me e elaboro  
um glossário de palavras  
reverenciais.

Afinal, creio, ainda me reste alguma  
alegria

e o afã de sentir plácidas quietudes.

Mas até quando terei

a indolência agitada que me norteia

e o prazer de registrar  
a sublimidade de algum momento?

*Madri, 02/01/2014.*

## HORA BENÉVOLA

A fonte luminosa floresce,  
diante do meu espanto  
e da fugacidade das nuvens.  
O sol brinca na filigrana cromática  
da água,  
colorindo pétalas no frenesi dos  
canteiros.  
Na imensidão do firmamento,  
inauguram-se as formas da hora  
benévola.  
Fixo o olhar no magnânimo  
semblante do céu.  
Vejo o espectral caminho sedutor.  
Peregrino aos lugares  
que exalam perfumes de pureza.  
Tenho os sentidos  
entornados na contemplação.

*Madri, 28/12/2013.*

## RETIROS

O Parque do Retiro frio e quase deserto,  
depois da chuva de dezembro.  
Retiro ansiolítico,  
antídoto contra os ativos tóxicos.  
Farmácia botânica de fluidos  
profiláticos.  
Retiro dos cedros mais longevos  
entre os seres mortais.  
Retiro também interior e imaginário  
nos subterrâneos da memória.  
Refúgio de antiga ternura,  
como naquele tempo de emoção  
romântica.  
Tempo em que o poeta,  
anjo suscetível à vertigem sensual,  
ouvia os sinos de outra inspiração.  
Retiro com céu de éter gris,  
onde busco a impossível beleza  
verdadeira.

*Madri, 27/12/2013.*



## **PERSPECTIVA COSMOECOLÓGICA**

O sagrado privilégio de ouvir o  
murmúrio  
do mar na planura fosforescente!  
Ver a extensão da sua clâmide  
energética,  
no espasmo da dimensão prolífera.  
Alegro-me  
na placidez da manhã de  
refrigérios.  
O ar revigora as células  
do meu organismo linfático.  
Luz sobre as vértebras da esfera  
telúrica.  
Benevolentes carícias de  
oxigenação  
da respiração planetária.  
A distância realça prismáticas  
miríades,  
delicadezas visuais.  
Andar descalço na areia

é pura ginástica espiritual.  
Inalo o fluido vital  
em comunhão com a natureza  
redentora.

*Valencia, 22/12/2013.*

## **ENCRUZILHADAS**

Sigo na jornada de aventura  
empírica.

Cumpro, com palavras visionárias,  
o peregrino rito:

recolho fortuna e migalha.

Vou, na vertente do sortilégio.

Contorno desfiladeiros,  
em jubiloso passo triunfal.

Bebo a sede austera de um trago,

em ritmo de fremente harmonia  
e em deslumbrado frenesi.  
Pelas calçadas ensolaradas,  
que o álcool do vento febricita,  
desvendo avenidas mórbidas  
e sobrevivo às encruzilhadas.

*Madri, 06/11/2013.*

## CONTEMPLADOR ANDORINHAS

DE

Desfruto agora de sons e cores,  
imerso em minutos sublimes.  
No bosque prazeroso,  
idolatro a pureza do ar.  
Longe do estardalhaço da cidade  
– entre relvas úmidas e folhas  
secas –  
ando absorto, em lírica paixão.  
Recuso a indústria tumultuosa.  
Sou um contemplador de  
andorinhas.  
Minha verdade é uma utopia:  
um celestial sentir metafísico.  
Só, pela vereda marginal,  
busco a sinestesia perfeita,  
na manhã evasiva do tempo.

*Madri, 07/11/2013.*

## **COM O REPOUSO NA ALMA**

Sem as razões obscuras do medo,  
sinto venturosamente o fluir das  
horas.

Observo a fábula serena do vento  
acalmar as vozes da inquietude  
íntima.

Viagem em que não me aflijo.

Natureza, generosa dádiva!

Momento em que a vida me pesa  
pouco:

tenho a essência do repouso na  
alma.

Alvíssaras da percepção,  
isentas do alarde coletivo.

*Madri, 08/11/2013.*

## ÓCIO

Abstraio-me da realidade:  
um nada para fazer auspicioso  
e uma fome de luz me assediam.  
Fremente liberdade esotérica!  
Despreocupação,  
hora decisiva de seguir  
o desvão tranquilo da torrente  
como quem se extravia num sonho.  
Ócio imprescindível que exercito,  
à revelia da sociedade,  
estupefato e estonteado  
pela parafernália mundana  
e pelo mistério de existir.

*Madri, 15/11/2013.*

## **RUAS DE IDÍLIO**

O estardalhaço da avenida  
não me retira da suspensão.  
Pertencer à expansão do dia,  
ver o espelho da realidade.  
Em peregrinas ruas de idílio,  
sinto brandos devaneios líricos  
e contemplo a luz do sol fraterno,  
à espera da fé transformadora.

*Madri, 20/11/2013.*

## DECÁLOGO

Desacelerar o ritmo.  
Reinventar o devaneio dos ociosos.  
Disfarçar o pasmo.  
Rejeitar os prognósticos  
de quem não se inebria  
com o murmúrio da água.  
Admitir, sem culpa,  
o desespero repressor do medo.  
Desfrutar das oferendas  
alumbradoras do instante.  
Iluminar de signos místicos  
os umbrais do quebranto.  
Brandir o estandarte da esperança  
na labareda vazia do tempo.  
Abdicar e sentir a enigmática fonte  
do vento.  
Comprar, no mercado, uma carteira  
de ilusões.

*Madri, 29/11/2013.*

## ESTÂNCIA INVERNAL

Flui o esmalte gris da cerração  
e o frio suscita estranha  
melancolia.

Uma rajada azul rompe a  
espessura da névoa.

Dia nebuloso, ruas molhadas.

O estrídulo tormentoso de uma  
ambulância.

O guarda-chuva que o vento quer  
dissipar de minhas mãos.

A confusão melancólica que a  
chuva suscitou.

A terrível inquietação dos meus  
sentimentos.

Tudo neste momento se sublima,  
expansivamente.

Hora de autossuficiência,  
em que não dependo do apreço  
alheio

e engano as alteradas sensações  
de dúvida.

Que importa se me extravio

aleatoriamente pelo bairro?  
Refugiado entre os bancos  
encharcados,  
ao abrigo de mim mesmo,  
busco, na úmida paisagem urbana,  
o deleitoso sacrifício da catarse.  
É a caminhada introspectiva do  
*satori*.  
Funcionário da palavra, laboro, ao  
ar livre,  
no laboratório emocional-dinâmico.  
Dialogo com minha própria  
perplexidade.

*Madri, 02/11/2014.*

## **CALÍGRAFO DO AGORA**

Na ribeira verde deste rio,  
manancial de água inspiradora,  
passeio, contemplando a fluidez.  
Sigo meu rito, no ritmo do seu  
deslizar,  
em velozes ondas de pensamento.  
De hialino hidrogênio me alumbro,

no aéreo caudal de abstrata lavra.  
Calígrafo do agora,  
nadando em visionária imagem,  
com signos líquidos,  
registro em meu diário itinerante:  
*O rio é metáfora da vida:  
entrega-se feliz ao verbo misterioso  
do instante.*

*Sevilha, 09/11/2013.*

## AS PLANTAS

As plantas não têm metafísica.  
Existem, livres da perplexidade,  
e não pensam na distância das  
recordações.

Não há mistério no seu veludo  
dissonante.

Bebem um fulgor silente,  
sem sortilégio e sem abismo.

Seu sonhar, desprovido de voz  
interna,

dialoga com a brisa sobre o Nada.

Suntuosas e humildes,  
respiram luxuriosamente,  
celebradas pelos ingênuos  
pássaros,

que habitam seus vibrantes ramos  
estendidos.

Sem o temor devoto da fortuna,  
sentem delicadamente a humana  
presença,  
mediante o magnetismo etéreo que

captam  
com o seu pigmento clorofilado.

*Madri, 12/05/2014.*

## AUGÚRIOS DO TEMPO

O presente derrama o seu cântaro  
na enxurrada das sensações.

O passado é um sonho xamanista,  
no assombro dos vespertinos  
ideais.

Que o futuro recorde o prazer  
de refugiar-me nesta praça  
e o harmonioso pacto  
desta calma repentina.

Longe da aflição insidiosa das ruas,  
em nome de uma aventura serena,  
os pássaros sopram agudos  
clarinetes,

e as árvores deixam cair as folhas.

Distante da claustrofobia dos  
compartimentos,

anestésio o apego

e abandono a tormentosa  
cronologia dos relógios.

## **A JORNADA DO ENCANTO**

Caminho como quem exorciza  
os demônios da angústia  
existencial.

O inverno fez estragos no bosque.

Emoções e pensamentos vão  
obsedaram-me até o momento.

Suave é a sede de saber!

Os obstáculos desaparecem,  
quando flui a jornada do encanto.

A luz do dia como certeza,  
a fé no estranho milagre humano  
e a esperança contra a dúvida.

Qualquer música que me redima!

Consolo, bálsamo de quietude  
e o bom senso, apesar dos  
pesares.

## **LUZ**

Luz terapêutica, silencioso  
recanto ajardinado e canoro,  
que demando impenitente.  
Receio meu próprio medo,  
agridoce luz cotidiana!  
Essência de universal bondade,  
venho beber de teu manso eflúvio.  
És a verdade absoluta,  
cintilante e sublime cristal.  
Que todos os homens te bendigam,  
divina centelha de todos os seres!  
Luz cuja lei é suave e o fardo, leve.  
Imagem da perfeição que adoro.

## TRILHA LUNAR

*A Amancio Prada*

Entrego-me ao fulgor embriagante  
da Lua.  
À doce bruma úmida  
de sua auréola verde-azulada.  
Aurora de perfumes.  
Cordilheira glacial.  
Entrego-me à Lua alta e inteira.  
Ao encanto, de aprazível  
mutabilidade,  
de suas estalactites.  
Seu bálsamo feérico me satura de  
insônia.  
Lua-mulher, noite de alto lustre  
e de diletante enamorar.  
Banquete de amor.  
Lâmpada de pulverizada espuma!  
Acolhedora luminária natural do  
meu refúgio.  
Soberana, sobre os tetos da praça.

## HAICAIS I

Prados de luz,  
triunfos da tarde,  
deslumbramento.

Mirada ao céu,  
prazer dos sentidos.  
Passeio aéreo.

Névoa de sombra,  
lunar de alabastro,  
horto de aromas.

Plácidas águas.  
O viajante contempla  
voos rasantes.

## HAICAIS II

Sob as nuvens,  
o perfil das coisas:  
celeste remanso.

Cruzo a névoa,  
em noite de temor,  
e adentro o dia.

Cristal de lua,  
archote, pérola viva,  
castelo astral.

## ENSIMESMADO

Volto acendrado ao inefável jardim  
e escrevo com arrojo.

Voando, assisto a esse mover-me  
sem rumo.

Contemplarei as flores  
imantadas e brilhantes,  
até que os céus me brindem  
com a cristalina luz do sentir.

Aspiro o aroma feliz  
de uma liberdade sem culpa.

Esta sublimação ativa  
– que me agita os neurônios –  
suscita o céu em meu cérebro,  
em velocidade alterada de tempo.

Vislumbro o hidrogênio azulado  
e me comovo, ébrio de enzimas  
frenéticas.

## JARDIM DE LUZ

Num delicioso remanso primaveril,  
à sombra de cristalino fervor,  
ando alumbrado pelas sensações.  
Como as aves do deserto  
demandam o oásis,  
inspiro-me na quietude do jardim.  
Fúlgidas corolas  
cingem nectáreas pétalas ardentes.  
Tudo que preciso é sentar-me na  
relva,  
de perfil para o Sol,  
em comunhão com o silêncio  
e vibrar em unísono  
com a energia cósmica.  
Basta concentrar-me em minha  
respiração.  
Tornei-me perito  
na abstração transcendental dos  
eremitas.  
O abdômen sob controle  
e na postura de lótus.

## SALMO

No horto onde triunfas,  
abraçado ao tempo,  
entregas ao cedro a claridade  
astral  
e acolhes as buliçosas aves.  
Dás ao mundo a beleza da manhã  
oculta  
e a pulsação das formas  
transitórias.  
Manténs desperto o lume inefável  
da alegria.  
Ensinaste-me a confiar no indizível!  
Transeunte da tua magnificência,  
ando, sem temores, sob as nuvens  
(peregrino da purpúrea  
rosa da hora propícia).  
Recebo o enternecimento  
da cosmogônica sensação,  
em equilíbrio com a existência,  
graças ao teu semblante de  
ardente quietude.  
Celebro-te com a medula luzente

de êxtase.

Glória aos desígnios da tua  
magnanimidade,  
que canto com o louvor da  
gratidão!

## MANTRA

Sob o céu dos calmos  
pensamentos,  
hei de viver cada instante.  
O licor dos prazeres evapora.  
O apego ata o nó da avidez.  
Só o sereno da tua presença  
traz a sombra da esperança.  
És a alegria das manhãs invernais,  
o bálsamo de amores da Lua,  
a claridade depois da chuva,  
o rastro do meteoro.  
O silêncio, em que te escuto,  
inebria a ave canora da minha  
devoção.  
No jardim da tua unidade absoluta,  
floresce a rosa da realidade.

## ALQUIMIA

Pergunto à transitória manhã:  
Que consciência serei  
depois da evaporação do corpo?  
Diz-me a natureza beatífica,  
no extravio instantâneo:  
– *Trata-se de devolver ao Sol  
os átomos ígneos do azougue.*  
O espírito insufla vida em tudo.  
Estudo a alquimia vital.  
Suponho a transmutação etérea  
e o ouro fortuito  
dos voláteis vórtices da memória.

## COMPREENSÃO DO SOL

O Sol é um olho de fogo  
que nos queima as pupilas.  
É um buraco de cristal  
na tela diáfana da minha fantasia.  
É um deus mago  
que cura minha loucura.  
O Sol se expande  
como um túnel de elétrons  
fosforescentes.  
Abre um abismo de fluido azul.  
Semeia luz e colhe seres vivos:  
arvoredos, aves no ar.  
Colhe, enfim, a borbulha líquida que  
somos,  
condutora de mínima centelha  
interior.  
O Sol derrama o éter mineral.  
Caminha como um juiz,  
orientando nossas cabeças  
indefesas.

Instila sua claridade na íris.  
Seu brilho forja o cenário  
fulgurante:  
cristal de reflexo sempiterno.  
Faz-se circunstância,  
nas metamorfoses de sua  
onipresença,  
até na sombra da noite escura.  
Fonte do fogo interior  
e de toda frequência  
eletromagnética,  
é o empíreo espectral  
da palavra do poeta iluminado.

## ESPELHO ENCANTATÓRIO

Não medito com a testa contra a  
parede.  
Nem genuflexo, nem prosternado.  
Medito, sentado,  
ao arrimo da corte das árvores,  
olhando as filigranas da flama azul  
marítima.  
Absorvo, com os sentidos, o ar  
luminoso.  
O tapete opalino da expansão  
ornamenta o altar da minha  
expectativa.  
O sal aéreo fluidificado  
ferve na maresia estival  
e evapora no templo da claridade  
evanescente.  
Respiro o magnético fluido  
que me fortalece a fé.  
O reflorescer lumínico das  
espumas  
é o sacramento.  
Doze milhas náuticas contemplo,

sem invejar o festival das aves  
forasteiras.

A consagração é o prazer  
epidérmico  
de mergulhar no corpo líquido  
planetário.

## AUTODEFINIÇÃO

Poeta das utopias exacerbadas,  
sou um revolucionário  
internacional.

Busco a fragrância dos jardins  
perdidos.

Canto o entardecer sobre o silêncio  
do tempo  
e o límpido esplendor que me  
consola.

Adivinho paraísos no rumor das  
águas.

Ando impregnado de brumoso  
alento

e de um halo circular de esplêndido  
espectro.

Embriagado de êxtase,  
ando em beatitude contemplativa.  
Concedo-me indulgência plenária.

## CONJECTURA SOBRE A MORTE

A morte deve ser uma embriaguez;  
suma luz de doçura,  
graça da consciência, a sustentar a  
luz eterna.

A morte deve ser um voo  
ao amor das estrelas.

Nada mais que se entregar  
à majestade silenciosa do céu.

Como a imersão num aroma,  
será a viagem à profunda noite.

Reclinarei a cabeça nas sombras.

Voltar a ser nada é ser a essência  
absoluta.

No princípio era o som,  
e, de súbito, surgiu a visão.

Essa consciência existirá sempre.

Sinto, na incerteza da tarde,  
que hoje é ontem.

O relógio imóvel

voltará a ressoar o seu látego.

Então retornarei do confim da  
viagem,  
outra vez encantado  
com os concêntricos gozos do  
tempo.

## **SHAKTI, A DANÇARINA DO JARDIM CELESTIAL**

A delicadeza do teu rosto se  
imprime  
nas cores da paisagem,  
e o azul do mar se irradia de teu  
semblante.  
Beleza no céu da tarde,  
incenso no ritual encantado,  
pergunto-me se o amar  
transcende a razão de se amar.  
Os rios transbordam para estar a  
teu lado,  
rainha das estrelas!  
Com que ousadia contigo viajarei,  
em marés de arco-íris,  
ao bosque de teus suspiros?  
Abres os braços,  
e os deuses emergem dos astros.  
Celebras a festa dos jardins  
ensolarados,  
onde as flores alçam voo,

embriagadas de néctar.  
O cristal do dia reflete  
o esplendor de tua mirada.  
Tudo é música,  
se meu pensamento flutua  
nos passos do teu ritmo.

## **AUGÚRIOS DE PRIMAVERA**

Tomara que esse vento  
desperte a humildade  
nos insensíveis corações dos  
homens.

E que restem ruas tranquilas,  
ao menos um dia por semana.  
Ofereça-me o bairro manhãs  
contemplativas.

Tomara esse alento de vida  
se me faça propício, até que a  
liberdade  
seja a única bandeira do mundo  
inteiro.

Que eu continue a receber  
o dom deste passeio encantado.  
E haja poetas a falar do tempo  
infinito.

Que a luz do Sol nos proporcione  
sempre o sorriso florescente das  
árvores.

E este hálito de esperança  
aconteça

no banco de algum jardim,  
onde haja flores, pássaros e  
crianças.

Flutuem proezas marítimas na cor  
da planura.

E eu tenha a satisfação de  
perceber  
a higiene exemplar da natureza.

*Argel, 25/04/2014.*

## **ALENTADORA RECORDAÇÃO**

Naquele passeio,  
em companhia da hora fraterna,  
mergulhados na dimensão do  
instante,  
recolhíamos folhas secas do chão  
e os eflúvios que diluem o tédio.  
Música na tela de tule do dia,  
nem sentíamos a aspereza do frio.  
A inspiração a todo transe,  
a vida cantávamos  
e inventávamos sensações de  
criança.  
Os pássaros brincavam  
de colorir a aura celeste.  
As rosas nos embriagavam de  
delícias aéreas.  
A Lua cravava a unha no dorso do  
nevoeiro.  
Celebro agora aquela bonança  
perdida.

Devotado ao afã do deambular,  
canto outra vez no vergel matinal.

## IMPRESSÕES ONÍRICAS

I

Flutuarei sobre o meu sono,  
sob a esplêndida rutilância do luar.  
Ó íncubos encantadores,  
projetados na tela da ilusão.

II

O sorriso escancarado do guru  
na lagoa da bem-aventurança.

III

No fundo da baixa confusão,  
os ambiciosos enigmas perigosos.

IV

A mão do espanto  
nos toca a face,  
em noite de sobressalto.

V

A máquina da vida  
traça sedutoras impressões.

Na provação desoladora,  
choro minha insignificância triste.

*Argel, 24/02/2014.*

## **O OÁSIS DE BOU-SAADA**

Que fogo proscreeu tantas  
árvores,  
deixando na pedra ocre  
dourados filamentos de gramínea  
e o bosque, de raras sombras,  
a murmurar na profundidade do  
silêncio?

Nas altas palmeiras,  
os pássaros louvam o remanso.  
Satisfazem-se com o vestígio de  
rio,  
mínima aparição de água,  
que enseja verdejantes  
incrustações.

Os longes presumem um mar  
fictício,  
velado pela bruma,

para além das crestas ressecadas.  
Que esplêndido desígnio estampa  
a fímbria imaginária do horizonte?  
Que fluida claridade dissemina  
a gaza branca das nuvens,  
acima da miragem circular das  
dunas?

*Argel, 02/05/2014.*

## **EZZAHIRA (BALCON DE SAINT-RAPHAËL)**

Eis um lugar onde abandonar-se  
ao ritmo espontâneo da vida.

Sobre a falésia, que a vegetação  
esmalta,  
abre-se a miríade dos edifícios  
brancos.

A baía de Argel oferece  
o seu azul inebriante ao  
contemplador.

A visão se ilumina, translúcida,  
no incomensurável salão  
prodigioso do mar.

O relevo rochoso inclina-se ao  
longe,  
velado pela névoa.

Os promontórios se divisam  
em gradação ascendente.

À sombra acolhedora das árvores,  
em alta instância,  
desfruto da sensação de ser  
espectador

de meu próprio encantamento.

*Argel, 04/05/2014.*

## EM BUSCA DO MAR

Buscarei as melodias indulgentes  
do mar

e o grande azul pertencente aos  
deuses.

Procurarei as variações diáfanas  
da bruma

e os dispersivos fluidos  
da respiração subaquática.

A face iluminada da expansão

e as oferendas de espuma  
acalmam as inquietudes

deste impiedoso mundo.

O mar percute os modos da  
percepção.

O mar, que está em mim como no  
céu,

impregna o vento de fragrantes  
vapores

e traz aos olhos a vibração  
de um espelho magnético.

Esplêndida luz de balsâmicos  
azulares.

O mar, ínclito na invertebrada  
sonoridade,  
expõe a relatividade das  
dimensões.

Enfeitiça-nos de alegrias,  
a inundar-nos o coração,  
até os serenos confins da hora  
sublime.

*Argel, 18/04/2014.*

## PERSPECTIVA INUSITADA

Ignoro os olhos tristes dos homens.  
A tarde é generosa,  
as pálpebras já não bebem falsas  
luzes.

Afirmo minha identidade na sombra  
furtiva.

O abismo expande as várias caras  
da cidade

e recebe o etéreo mar,  
além dos clamores rotativos.

Uma expectativa transparente  
ilumina os limites melancólicos do  
tédio.

O nevoeiro emerge do silêncio  
consolador.

Os pássaros estão alegres,  
indiferentes ao mistério oculto na  
claridade.

Barcos flutuam na espessura da  
névoa.

Já não temo a surpresa  
das estreitas e tortuosas ruas.

Um brilho novo  
acende pedrarias longínquas.

*Argel, 11/04/2014.*

## CONCERTO MÍSTICO

Ontem, quando eu me regozijava,  
na melodiosa noite do êxtase,  
o céu não resistiu  
e ofertou à plateia gotas de  
acariciante sereno.

A orquestra entoava acalantos  
como juras de eterno amor.

A música transportava a jardins de  
outrora.

Beijadas pelo vento,  
as árvores agitavam os ramos  
entrelaçados.

Todos os olhos brilhavam de puro  
folguedo.

De tão prazeroso,  
o enlevo dos ritmos comovia até as  
estrelas,  
que destilavam no ar

o emocionante aroma do jasmim.

Hoje, resta na tarde um vestígio  
daquele ócio.

Um momento de ritmo insólito.



## CONTRIÇÃO

Preenches minha taça  
de alegrias peregrinas.  
És palavra redentora,  
repouso de confiança.  
És o luminoso silêncio,  
em minha piedosa obsessão.  
Tua lâmpada de infância  
clareia os pastos do meu rebanho  
aéreo.  
Tu me entregas a claridade  
amorosa  
de um dia sem tumultos.  
Sacias minha sede de adoração  
com generosas tardes  
e venturosas manhãs.  
Tu me ofertas um cetro  
e cinges minha cabeça com lauréis.  
No altar das rosas,  
cujas pétalas fazes brotar,  
plantas delicadezas  
em minha fortaleza de areia.

## FASCINAÇÕES EM IPANEMA

O verão propicia  
a aparição das filhas de Netuno.  
O Sol do Trópico  
faz brotar nenúfares no ar diáfano.  
O oceano celeste costura  
bordados,  
dobrando azuladas franjas.  
O eflúvio salitre se destila  
nos fúlgidos cabelos das meninas  
louras.  
Acaricia-lhes a pele  
e se transforma numa planície de  
ouro.  
Fiel ao espetáculo do crepúsculo,  
em meio à multidão dominical,  
deixo-me encantar  
pela caravela dos minutos  
que aporta no esverdeado relevo.  
Nas alvas areias da praia do  
hedonismo,  
o pôr do sol ilumina as meninas,

estendidas sobre as toalhas  
coloridas.

A magia da tarde cristalina  
as transforma em orquídeas  
douradas,  
a flutuar no jardim do meu idílio.

*Rio de Janeiro, 02/02/2014.*

## **ORAÇÃO**

Senhor da leveza e do refrigério,  
venho reverenciar a calma  
dos teus sonoros reflexos.

Cantas diante do meu sonho  
vespertino

e me entregas, em haustos,  
o teu aureolado murmúrio  
consolador.

Lavo-me nos bálsamos da tua  
amena brisa.

Derramas langor nos meus olhos

para que eu reverencie  
a divindade da tua presença.  
És a substância serena da aragem  
que agora me alenta num doce  
repouso.  
Projetas em mim a distância lustral.  
Disseminas devaneios no meu  
profuso apego.  
Cintilam no horizonte  
as tuas formas mutáveis.  
Tenho os ouvidos imersos  
na música do regozijo que me  
ofertas.  
Venho trazer-te  
a pobre oferenda da minha palavra  
e os suspiros da minha alquebrada  
fé.

*Rio de Janeiro, 06/02/2014.*

## MOTE DE MANUEL BANDEIRA

A estrela que alto luzia,  
na vastidão que desvela  
o espaço da noite fria,  
por que tão perto surgia?  
Por que trânsfuga sorria,  
translúcida sentinela,  
propiciando alegria  
à minha vida vadia?  
Tão alta a estrela luzia,  
na inacessível tela  
que a treva funda revela,  
às ribaltas do meu dia!  
Que estranha melancolia  
me inspirava o brilho dela,  
nebulosa fantasia  
de pura feitiçaria?  
Encantado eu a sentia,  
pela fresta da janela,  
insólita companhia,  
instilando nostalgia  
na minha alma sombria,  
glacial, sozinha e vazia.



## DESÍGNIOS GALANTES

*A Cláudio Murilo Leal*

Seja a vida esse leve aroma  
no gume da manhã.  
Sejam as visões de agora  
o calmo espelho do mar da  
infância.  
Sejam esperança de regresso  
as vozes redivivas dos ancestrais.  
Seja Arcádia de consolo  
a ária o Largo de Handel.  
Seja o frio marfim da Lua  
minha nectárea fortuna.  
Seja a sarça de fogo da memória  
o verbo da peregrina realidade.  
Estejam abertos os pórticos  
constelados,  
quando eu me esgueirar na noite  
cósmica.

## NOTURNO PARA COPACABANA

Vertiginosa noite,  
de luzes dispersas.  
Hipérbole na maré, cheia de graça.  
O mar ameniza o torpor  
deste sábado de fevereiro.  
Atravesso a energia dionisíaca dos  
bares.  
Noite de estrelas no céu  
e de mulheres no calçadão.  
Leciono contradições  
na insuficiência de tudo.  
O puro ontem revive agora  
no ectoplasma do momento.  
Os bares exibem bundas  
redundantes  
de apetitosas garotas.  
Passeio, com os olhos ébrios de  
encanto.  
As ondas tecem o alvo tapete  
sinestésico;  
doce rumor, para refrigério  
dinâmico.

Meus passos ficam à mercê das  
erosões.

Estou maravilhado  
pela eclosão das espumas.

*Rio, 03/02/2014.*

# INVENTÁRIO MÁGICO

*A Luiz Gondim*

Sou também alquimista pós-moderno.

Frequento a Praia do Arpoador e acredito que a vida tenha sentido.

Vivo a aventura

de um romantismo delirante.

Experimento as luzes da tarde e ascendo em mim

a mesma paixão de horizontes.

A geometria dos símbolos,

os giros dos dervixes,

os Mistérios de Elêusis,

o rito de Delfos

e a prática dos boêmios

aprazem-me mais do que visitar as *putas*.

Sonho gozos aéreos na sombra que arqueia.

A rosácea da tarde impregna-me do efeito lúdico da beleza.

Compreendo o desígnio das  
estações.

Saio no encalço das ninfas do mar,  
que dão gargalhadas nos  
penhascos,  
fugitivas do pesadelo infernal.

## PRELÚDIO VOCAL

*A Astrid Cabral*

Visionário dos precipícios,  
o poeta flutua entre as coisas.  
Na viagem entre o vazio e o  
relâmpago,  
assustado de ser,  
assiste ao plenilúnio.  
Com o alento da vida, que clareia a  
estrada,  
tece a iluminura da palavra  
redentora.  
A Lua levanta uma coluna de vento  
na rua dos ramos perfumados.  
O poeta imagina o minuto da rosa  
e constrói o tabernáculo da  
comunhão.  
Sabe que todos cruzaremos, sem  
ânforas,  
as pontes do outono  
e vê a eternidade  
nas estrelas que se comunicam.

Com o sal da água original,  
tempera o sabor do nada.  
Tendo a luz da tarde como  
candelabro,  
adivinha imponderáveis litorais.

## **A ENGENHARIA LÍRICA DE MARCUS VINICIUS QUIROGA**

Com paradigmas  
de insondáveis parâmetros,  
calculas as estruturas  
das habitações contemplativas  
– engenheiro do desassombro.  
Com ilações léxicas,  
projetas a concretude invisível  
do alicerce aéreo da palavra  
– arquiteto da polissemia.  
Com a argamassa morfológica  
das desinências,  
edificas a ponte do sentir  
no território sem fronteiras  
da matéria em fuga  
– pedreiro do lirismo.  
Com vigas, rampas e colunas  
imaginárias,  
constróis a morada da perplexidade  
para a travessia do enigma.  
– topógrafo das dimensões  
abstratas.

Com as ferramentas da  
subjetividade,  
fabricas o transporte  
para a viagem da plenitude  
– operário da harmonia.

## SETEMBRO AFORTUNADO

*A Aurea Domenech*

É na velocidade do dia  
que revejo o colorido arco  
do litoral verde safira.  
O passarinho dedica ao céu  
um frenesi de sensibilidade.  
Preencho de estrofes a solidão do  
vazio.  
Alago-me na lagoa da saudade  
e choro um rio de sal.  
A varredura das mágoas  
vem no vento da saúde.  
Eis o ácido que sabe a melancolia.  
Engano o giro amargo do tédio.  
Voeja o mar em suave alento.  
Momento inédito no movimento da  
luz.  
Setembro afortunado:  
provo o açúcar do Pão da Urca,  
que o Cristo cristaliza

nas ondas fugidias  
do mar do sonho.

# EXTASIADO

*A Jorge Ventura*

Extasiado pela benção da tarde  
serena,  
deixo-me conduzir em transe  
pelos umbrais do azul.  
Inundo-me da hora que se  
desvanece.  
Respiro as palpitações suspensas  
do ar.  
Um soluço embriagador  
acalma minha precipitada lucidez.  
Seguirei arrebatado,  
enquanto o votivo tempo  
me conceder prendas de primavera.  
Ébrio como os pássaros,  
trago o archote de minha fábula  
tutelar,  
meu voo arcano.  
A Lua testemunha a maravilha  
diáfana  
dos meus alumbramentos.



## **VOTOS FRATERNOS A RICARDO ALFAYA**

Tomara que subas a ladeira da  
Glória,  
coroado de louras.

Tomara que as frutas  
alimentem o pássaro que és,  
herbívoros bem-te-vi,  
mais valente que gavião, caçador  
de lebres.

És um ser alado,  
por ventura dos pensamentos.  
Tomara que repouses no Parnaso,  
sob os auspícios de musas  
eróticas,  
daquelas que não cobiçam o ouro  
de Midas.

Tomara que Afrodite te conduza  
à praia das nereidas,  
onde há néctares infinitos  
e elixires de longevidade,  
que abrem as percepções,

com prazeres eternos.  
Assim, sentirás a vida mais profana  
ainda,  
sem jamais perderes a ética do  
sonho.  
Tomara que o teu mosteiro  
seja invadido pelas bacantes,  
uma das quais elegerás a predileta  
do harém.  
As mulheres são líricas,  
e é preciso dizer-lhes galanteios  
em poesia.  
Tomara que as mais belas,  
que são as mais atrevidas,  
comportem-se lascivamente,  
e que a beleza (e não a angústia)  
inspire a música dos teus  
epigramas.  
(E que as graças divinas  
povoem o templo de tuas libações!)

## UM POEMA POR DIA

*A Flávio Sarlo*

Um poema por dia  
feito um remédio contra a dúvida.  
A chuva não me dissuade de tal  
assédio.  
Caminho contra a crise e a polícia,  
escrevendo o diário das  
indagações.  
Iluminado de visões e luzes que se  
refletem,  
escrevo o alfabeto do visionário  
primitivo.  
Um poema por dia  
tal a aguardente, que os ébrios  
bebem,  
nas manhãs brumosas.  
Dádiva do Criador, colheita de luz,  
para domar as vozes ancestrais.  
Um poema por dia  
como quem submerge em redoma  
cós mica,

entretido na vertigem de lucidez.  
Levo comigo o instrumental da  
escritura.

Com a cabeça cheia de enigmas,  
o ímpeto redentor me leva.

Registro meu apreço  
com o grafite da memória.

Um poema por dia e a serenidade  
etérea.

Um frio argênteo,  
uma inalação tranquilizadora.

Um poema por dia para eludir o  
medo,

para cronometrar as sensações,  
para ler os signos da Via Láctea,  
para decifrar o hieróglifo de mim.

As árvores me propiciam calma  
metafísica.

A Lua com seu rosto de mulher me  
fascina.

Participo da festa de todas as horas  
como quem cuida

dos próprios nervos e neurônios.

Na distância sideral,

a energia clarividente se revela  
um prazer alquímico.  
Uma molécula de oxigênio  
e outra de hidrogênio;  
flutuar na onda,  
até o momento de saltar o muro.  
Brota a flor de um poema na noite.  
Caminho, imantando por esse  
dilema divino.  
A beleza, dom de alegria,  
mostra-se na heráldica de meus  
teoremas  
(letargo magnânimo de meu deleite,  
cruzada pacífica na espiral do  
tempo).  
Um dia. Um poema.

## ANDARILHO EM ARGEL

De repente, sobre as grades de um muro,  
a harmoniosa cor diamantina.  
Argel, encravada na encosta,  
ostenta o perfil cingido pelas nuvens  
que coroam os montes.  
É uma cidade pontilhada de prédios,  
matizados pela vegetação.  
Abre, do porto ao céu,  
o esplendor das cintilações que se espraiam.  
Desço escadarias,  
entre vivendas deterioradas  
e terraços derrelitos:  
íngremes labirintos.  
Espantosa proliferação de carros  
me faz correr de um lado ao outro  
do bulevar Coronel Bougara.  
Do parque Tifariti,  
vejo o *impromptu* incandescente.

Desço, da viela ao beco, sinuosos  
degraus  
para ver de perto o jardim marinho,  
que tem a forma de arena  
arredondada.

Avanço, entre paredes encardidas,  
panos desbotados (que pendem  
das janelas)  
e artefatos de plástico.

Objetos que remoinham como  
seres vivos.

O mar desponta  
sobre os ramos das bougainvillées.  
O vento acaricia a chama das  
árvores.

As cores sedutoras exasperam as  
impressões  
e ungem de alegrias a sexta-feira  
translúcida.

Na súbita esquina, a visão se  
amplia.

A névoa do horizonte é uma faixa  
dourada,  
tricotada de pedras.

Para além das tonalidades de luz e  
sombra,  
o mar se regozija,  
coroado de espumas e  
embarcações.

*Argel, 23/05/2014.*

# POÉTICA

I

A poesia supõe  
a contemplação integral da  
paisagem.

A individualidade no centro das  
referências.

Aves, árvores, cores e sons  
se harmonizam na inspiração.  
Do silêncio, emergem elfos  
invisíveis.

O resto é a memória  
dos festins de evaporados  
perfumes.

A poesia borda a tessitura do  
pensamento.

É a transmutação do verbo em  
mito.

O estímulo anímico que sublima o  
Logos.

Abstração além da lógica.

Voz do anjo nos neurônios  
acendrados.

A poesia vem da espiral das  
constelações.

É um túnel que conduz  
ao outro lado das percepções.

É um modo de respirar  
que me sufoca de lucidez  
e me desentristece,  
na periferia dos tortuosos  
caminhos.

A poesia mostra o inexplicável.

Em seu nome, contabilizo  
indagações,  
ritualizo a expectativa  
e imagino a eternidade.

*Madri, 10/01/2014.*

## II

Ninguém parece satisfeito.

Vejo gente de fama dizer  
que gostaria de viver de outro  
modo.

E, ao fim e ao cabo,  
mesmo o homem mais rico do  
mundo

envelhece e morre.  
O que prevalece  
são alguns momentos de plenitude,  
ainda que da mais  
fugitiva transitoriedade.  
Só em tais instantes, na essência  
do presente,  
desfrutamos do bem e do belo.  
O mais é o reflexo tenebroso dos  
outros,  
que se projeta no nosso  
pensamento.  
Quando efetivamente  
estamos em atitude contemplativa,  
de forma espontânea, nascem os  
poemas.  
Até, como compensação para as  
agruras  
de tantas horas improdutivas.

*Argel, 24/04/2014.*

## NO ALTAR DA NATUREZA

I

Sentir-me vivo na transcendência  
do tempo favorável.

Ouvir os pássaros.

Ler e escrever

nas dimensões sensoriais do  
prazer estético.

Ver, no secular, a noção de  
eternidade.

Nas ruas, gritos metálicos.

No altar da natureza,  
os unguentos musicais da tarde.

Neste templo de paz,  
desejo o bem-estar a todos os

seres,

tanto os do mundo visível

quanto os do invisível.  
Que todos possamos desfrutar  
de banquetes de ócio lírico  
e passeios de saúde etérea.

*Madri, 12/12/2013.*

## II

Esqueço a morte e as dores  
e me alegro com a fortuna do  
instante.

Tudo agora é celebração,  
e estou comovido por um doce  
delírio.

Louvo as austeras musas matinais.  
Não ando à deriva:  
estou consciente da densidade de  
cada minuto.

*Madri, 13/12/2013.*

## III

Os dias não estão  
para se passar brilho nas unhas.  
Apelemos para o santo dionisíaco.  
Consagremos a hora à decadência  
do outono.

O chão de folhas douradas

seja a cenografia viva do momento.  
Não há maior espetáculo  
que o remanso bordado de  
ciprestes,  
enquanto for propícia a esfinge de  
Cronos.

*Madri, 16/12/2013.*

## OS PÁSSAROS

*A Antonio Machado Sáenz*

Os pássaros idílicos e politonais,  
com eficaz disciplina espontânea,  
embelezam o momento.

São, portanto, nossos aliados.  
Indenizam a faina das  
circunstâncias.

Velozes saltimbancos,  
desconhecem a guerra  
e competem com os ratos alados.  
Com seus colares e suas insígnias,  
cantam vestidos de ar.

Pertencem à irremediável  
atmosfera.

Não temem a dissolução no Nada,  
por isso não desejam nem  
cobiçam.

O filme que encarnam  
não é uma ficção do saber.

Louvam a gloriosa luz do dia,  
nadam na areia que o vento realça  
e, sem arrependimento,  
exacerbam os etruscos prazeres.  
Que diferentes dos insetos,  
muitos dos quais só servem  
para molestar outras criaturas  
(exceção feita  
às abelhas de Apolo,  
alquimistas do néctar da palavra).  
Os pássaros cantam de puro  
improviso.  
Seus diletantes gorjeios amorosos  
fascinam o universo!

*Madri, 13/05/2014.*

## VIAGENS INTROSPECTIVAS

A alegria das árvores me diz  
que a eternidade é o segredo do  
instante.

O céu exorciza a fumaça dos  
carros.

Atravesso as ruas sem me importar  
com o barulho das buzinas.

Levito na inevitável leveza  
do minuto que passa.

Respiro o perfume insofismável do  
ar.

Levo nas mãos a escritura dos  
meus sonhos.

Louvo a graciosa vadiagem das  
aves,

que me anunciam a manhã da  
eterna luz.

Ando anestesiado de euforia.

Nesse longo espasmo de lucidez,  
entrego-me ao abstrato sentimento.

Busco arrimo entre as cintilações  
verdes.

Bálsamo transitivo  
entre a iminência do tempo  
e o medo inerente ao corpo,  
o dia abre o espelho da memória.  
No deleite evasivo,  
andarilho que se alimenta de visão,  
conduzirei o fardo da jornada,  
até imergir no silêncio primitivo.  
Contemplo os filamentos das  
nervuras,  
artérias de clorofila.  
Flui o flúor do florescimento.  
Lustral fluxo celestial que perdura e  
vivifica.

Sob a estampa flutuante das  
nuvens,  
imagino a infinita vitória do dia  
sobre a noite.  
Respiro o repouso clarividente das  
folhas,

com uma sensação fluente contra o medo.

Visto os sentidos de miríades cromáticas,  
que flamejam nas camadas de horizonte.

Água redentora, aprazível calma.  
Os vegetais vicejam na delícia do clima.

O ambiente translúcido agita a pulsação vital.

Infância rediviva.

À luz do dia,  
canto o espírito bucólico da manhã.

Celebro o momento  
em que leio *Full of life*, de Walt Whitman,

ou o ensaio sobre o místico delírio  
que Stefan Zweig detecta em Hölderlin,

o qual revela, no rapto do êxtase,  
que a missão do poeta

supõe uma espécie de santo  
heroísmo.

Ando pelas ruas  
com a serena inquietação dos  
estribilhos  
e a graça prodigiosa das  
ressonâncias.

Evado-me pela outonal vereda,  
tendo o horizonte como profilaxia.  
Células luminosas  
pululam na superfície da água  
e aviões espraiam as nuvens.  
Chego ao lugar da eterna  
expansão,  
luz estampada na alta e imensa  
profundidade.

A perspectiva, o horizonte:  
alguma ilusão para velar e  
desvelar,  
enquanto se navega ao porto do  
regresso,

até se divisarem os telhados de  
Ítaca.

Bebo a substância alcalina do dia.  
O tempo é de frios despojamentos,  
diáfana letargia que suporto,  
mediante celebrações dissolutas.  
Peregrinações que me entregam  
o ópio cromático de um jardim,  
onde exercito a arte de escrever.  
A respiração serena, nos lugares  
calmos,  
consagro-me à impenitente  
vertigem do entusiasmo.  
Aproveito intensamente  
a eternidade do instante.  
Sem afecções, nem fantasmas  
melancólicos,  
o crepúsculo proporciona  
expectativa de auroras.  
Sei que a vida é um perfume,  
e que não somos os mesmos a  
cada minuto.

A realidade parece uma tela,  
onde se projetam sonhos.

Caminho com desesperada  
esperança.

Digo que existirei sempre  
e escrevo como quem tece o  
silêncio.

Bendito seja  
quem me concede tão sublime  
alegria.

Água bebida em prol do  
firmamento!

Calma vivida, à luz de um céu de  
sortilégios.

Viajo na vigilância do transe.

O vento frio me entardece a alma.

No clamor cinzento do crepúsculo,  
as árvores desfolhadas são raízes  
verticais.

Os galhos agudos guardam o  
húmus do ar

para a renovação floral.

Fabrico, com labor de ourives,

versos na pluma do vento.  
À sombra do remanso ajardinado,  
aprendo o idioma sem fronteiras.  
No embalo temporário das  
sensações,  
descubro o eterno, oculto na  
brevidade.

Nebuloso prenúncio de noite.  
A bruma cobrirá as constelações.  
Tarde de outubro.  
Sento-me diante das frondosas  
folhagens.  
Tento não cronometrar o passeio  
e conservar o lume da sensatez.  
Água bebida em torneira noturna.  
Viajo sem roteiro.

Poeta inveterado nas calçadas de  
Madri,  
sou uma eminência parda na noite  
dos gatos.  
Sedento de luz,  
beduíno de tênis tala larga

e paletó antiangústia,  
penso nos poetas que por mim  
morreram.

Serei eu mesmo este  
que ameniza bizarramente a ânsia  
de viver?

Fujo das esquinas de trânsito  
estridente,  
em busca da virtude essencial.  
Com a perplexidade da lucidez  
delirante  
e um fastio inusitado,  
subo ladeiras de regozijo,  
com o âmago da alma em  
dispersão.

Sento-me em um banco de praça,  
diante dos três planos da natureza,  
e observo minha impetuosidade.  
Os passantes também parecem  
perdidos,  
quando pisam o chão,  
na fascinante noite subjetiva.  
Imantado de filigranas de música,

como quem entende o drama de  
existir,  
vejo o céu, espelho indecifrável.

*Madri, de 23/10/2013 a 05/12/2013.*

## O AUTOR

**Márcio Catunda Ferreira Gomes**, Márcio Catunda, nasceu em Fortaleza, em 22.05.1957. Cursou Direito, na Universidade Federal do Ceará, em 1979. Formou-se pelo Instituto Rio Branco, Brasília, em 1985. Em 1989, Faculdade de Letras, CEUB, Brasília. Trabalha atualmente na Embaixada do Brasil, em Argel. Atuou em nove movimentos culturais, desde 1975, ano em que foi, inclusive, Presidente do Clube dos Poetas Cearenses, em Fortaleza. Colaborou em inúmeros periódicos literários. Possui, com esta obra, 47 títulos publicados, entre livros individuais e CDs, no Brasil e no exterior. Estreia, em 1976, com *Poemas de Hoje* (com Natalício Barroso Filho), em Fortaleza. Algumas das obras: *Incendiário de*

*Mitos*, poesia, 1980, Fortaleza.  
*Encantador de Estrelas*, poesia, 1988, Brasília. *Pilares del Esplendor*, poesia, 1992, Lima, Peru. *A Essência da Espiritualidade*, ensaios, 1994, Lima, Peru. *Poèmes Écologiques*, poesia, 1996, Bellegarde, França. *Anthologie Sonore*, CD de poemas recitados em três idiomas, 1997, Genebra, Suíça. *Rosas de Fogo*, poesia, 1998, Rio de Janeiro. *Engenho Urbano*, em *Rios*, Rio de Janeiro, 2003. *Madrid y Otros Idilios*, 2004, poesia, S. Domingos, Rep. Dominicana. *Sintaxe do Tempo*, poesia, 2005, Fortaleza. *Plenitude Visionária*, poesia, 2007, Lisboa, Portugal. *O Dom de Orfeu*, poemas musicados, 2007, Madri, Espanha. *Meditações Líricas*, em *Vertentes*, Rio de Janeiro, 2009. *Emoção Atlântica*, poesia, 2010, Rio de Janeiro. *50 Poemas Escolhidos*

*pelo Autor*, Rio de Janeiro, 2011. *Escombros e Reconstruções*, poesia, Thesaurus, Brasília, 2012 (com o qual ganhou o prêmio de Melhor Livro do Ano, em seu gênero, conferido pela ACL, Academia Carioca de Letras). *Dias Insólitos*, em *Quadrigrafias*, Rio de Janeiro, 2015. *Mário Gomes, Poeta, Santo e Bandido*, biografia, Lisboa /Fortaleza, 2015. E-mail: [marciocatunda@hotmail.com](mailto:marciocatunda@hotmail.com)

*Meu querido poeta e amigo Márcio Catunda: Neste fim de semana, o Escombros e Reconstruções foi minha leitura e releitura, e de ambas recolhi a impressão de estar diante do seu melhor livro. Daquele em que você, vindo de várias vertentes, enfim se encontrou. Compacto, reúne vozes diversas numa única voz, na qual o sussurro e o grito se unem; o irônico e o imprecatório se ombreiam; a suavidade lírica se abre como um leque. É já um livro em que Márcio Catunda se ergue inteiro, no uso pleno de seu arsenal poético, tanto no plano retórico do uso da linguagem quanto no plano conteudístico. O uso imoderado do eu, em seus poemas, conduz o leitor a sucessivas descobertas, em que as máscaras se sucedem, numa poesia que tem algo de espetacular. Minhas felicitações sinceras. (Lêdo*

**Ivo** (1924-2012), membro da ABL, Academia Brasileira de Letras).

*Com Dias Insólitos, Márcio Catunda firma-se, definitivamente, como voz inconfundível na Poesia Brasileira (...). Trilha seu caminho com obra vigorosa e visceral (...). Dialoga com escritores como Ezra Pound, Antonin Artaud e Tagore. Sua maior virtude técnica: um discurso poético com rigor artesanal, sem perda da expressividade espontânea. (...).* (**Flávio Sarlo**, escritor capixaba).

*Em Viagens Introspectivas, mais do que nas obras anteriores, evidencia-se o trinômio sagrado para o autor, em união inseparável: meditação espiritual, contemplação da natureza e fazer poético.* (**Ricardo Alfaya**, escritor e revisor do Rio de Janeiro).